

 <https://doi.org/10.5335/srph.v25i1.17883>

A violência dos bons homens no livro *The story of Little Black Sambo*

La violencia de los hombres buenos en el libro *The story of Little Black Sambo*

The violence of good men in the book *The Story of Little Black Sambo*

MURIEL EMÍDIO PESSOA DO AMARAL¹  

Resumo:

Esse artigo pretende analisar o livro *The story of Little Black Sambo* pela perspectiva pós-colonial a partir de Edward Said, Homi Bhabha e Michel Foucault. Escrito no final do século XIX por Helen Banneman, a obra apresenta duas narrativas que não se desprendem dos estereótipos e de movimentos de violência simbólica e pela análise pós-colonial será possível identificar como os discursos e imagens de grupos e sujeitos fora dos quadros da branquitude eurocêntrica promoveram violência. Além disso, o artigo pretende oferecer possibilidades de outras representações a partir dos desenhos de Nailah Elon, que ressignificam os olhares sobre grupos e sujeitos negros.

Palavras-chave: Discurso. Poder. Pós-colonial. Violência.

Resumen:

Este artículo pretende analizar el libro *La historia de Little Black Sambo* desde la perspectiva poscolonial de Edward Said, Homi Bhabha y Michel Foucault. Escrita a finales del siglo XIX por Helen Banneman, la obra presenta dos narrativas que no se alejan de los estereotipos y los movimientos de violencia simbólica, y mediante el análisis poscolonial será posible identificar cómo los discursos y las imágenes de grupos y sujetos fuera de los marcos de la blancura eurocéntrica promovieron la violencia. Además, el artículo pretende ofrecer posibilidades de otras representaciones a partir de los dibujos de Nailah Elon, que reinterpretan las miradas sobre los grupos y sujetos negros.

Palabras clave: Discurso. Poscolonial. Poder. Violencia.

Abstract:

This article aims to analyze the book *The Story of Little Black Sambo* from a postcolonial perspective based on the work of Edward Said, Homi Bhabha, and Michel Foucault. Written in the late 19th century by Helen Banneman, the work presents two narratives that are not detached from stereotypes and movements of symbolic violence. Through postcolonial analysis, it will be possible to identify how the discourses and images of groups and subjects outside the norms of Eurocentric whiteness promoted violence. In addition, the article aims to offer possibilities for other representations based on the drawings of Nailah Elon, which reframe perspectives on black groups and subjects.

Keywords: Discourse. Postcolonial. Power. Violence.

¹ Professor Colaborador do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor Permanente do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru). Graduado Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Norte do Paraná.

Considerações iniciais

O livro infantil *The story of Little Black Sambo*, escrito por Helen Banneman, ainda no século XIX, apresenta a estória de Sambo e também outras histórias destinadas à leitura infantil. A estória de Sambo relata o comportamento de um menino que consegue se livrar de tigres ao utilizar sua esperteza para se safar do ataque dos animais que queriam as roupas de Sambo. Ao enganar os tigres, estes se tornam um tipo de manteiga (*ghee*) que foi utilizada pela mãe de Sambo no preparo de panquecas. A estória apresenta um fundo moral ao apresentar que a ganância, representada pelos tigres, nem sempre é o mesmo volume apresenta uma outra estória intitulada de *Topsy*.

A narrativa, que leva o nome da personagem central, apresenta uma menina negra que é comercializada para ser “civilizada” por uma família branca e burguesa. A naturalidade com que a obra se desenrola, na verdade, apresenta traços de violência simbólica por promover a dessubjetivação e a desqualificação dos personagens que não são brancos e que não pertencem aos esquadros eurocêntricos e burgueses. Para reconhecer elementos de desmerecimento desses personagens e acontecimentos, o artigo se apropria do pensamento pós-colonial enquanto modo de reflexão sobre o conteúdo do livro.

O pensamento pós-colonial, como aponta Homi Bhabha (1998), é uma forma de apresentar outras faces da história que foram negligenciadas por relações de poder e violência. Além de ser um método de olhar por outros ângulos a estruturação dos fatos históricos e de saberes e conhecimento. Stuart Hall (2016) afirma que, não raro, as representações de negros em produtos culturais e midiáticos foram elaboradas a partir de signos que promovem estereótipos e posicionamentos hierárquicos.

A produção e circulação de produtos culturais se aproxima dos valores que estão em evidência em espaços públicos e privados e a vontade de permanência de determinados sentidos é atravessada por estratégias de poder. Segundo Michel Foucault (2014), o discurso se torna dispositivo de poder e atua como regimes de verdade à medida que circula a ponto de constituir códigos morais e de socialidade.

Destarte, a obra, como alicerçada em discursos pareados a estruturas de poder, não apenas perpetua os sentidos, mas também reforça estereótipos e refrata os processos de significação e representação. Conforme aponta Bhabha (1998) e Hall (2016), a formação de

estereótipos é sintoma do desejo da cristalização de poder e de organização fetichista. A criação de fetiches, segundo a leitura desses autores sobre a Psicanálise, opera na possibilidade de criar subterfúgios para renitência do gozo e usufruto da condição do outro.

O artigo se estrutura em apresentar reflexões teóricas acerca do pensamento pós-colonial como modo condutor da importância de recontar a história a partir de outras perspectivas. A segunda etapa reconhece no objeto empírico, o livro *The story of Little Black Sambo*, a necessidade de reconfigurar as narrativas e representações. Ao final, serão apresentadas imagens criadas por Nailah Elon, artista plástica estadunidense, que, em grande medida, ressignificam os paradigmas colonialistas de representação e oferecem outros caminhos para reconhecer a negritude nos desenhos e também do livro em tela. Assim, como percurso metodológico, o artigo se propõe a fazer revisão bibliográfica acerca do pensamento pós-colonial e aplicá-lo como enquanto forma de percepção das imagens e de discursos a partir da perspectiva da materialidade histórico-dialética.

Pós-colonialidade, além da colonialidade

A obra *The story of Little Black Sambo*, escrita em 1899, foi editada e lançada nos Estados Unidos pela The Reilly & Lee Co. Chicago, em 1908, e faz parte de uma coletânea de obras de literatura infantil composta por 14 volumes chamada *The Children's Own Books* (Livros próprios das crianças, em tradução livre), sendo que o livro em análise foi o terceiro volume lançado.

A narrativa apresentada pela autora da história, Helen Banneman, será analisada a partir do ponto de vista contemporâneo pós-colonial, que implica na revisão das formas de representação e dos sentidos construídos acerca de sujeitos e territórios apresentados na obra. O livro, assim, apresenta percepções de uma mulher branca, burguesa e europeia sobre sujeitos e acontecimentos que se encontram fora dos esquadros da realidade dela no final do século XIX. Destarte, a narrativa apresenta fórmulas que se aproximam de estereótipos e clichês quanto aos hábitos e os modos de composição das ilustrações.

A proposta de repensar conceitos e estabelecer outras formas que pudessem reconsiderar a produção de sentidos e de representações integra as possibilidades do pensamento pós-colonial. A iniciativa dos estudos desta vertente se articulou na intenção de questionar a centralidade das narrativas ocidentais para o fomento de conhecimento e saberes

atribuindo principalmente à Europa e aos Estados Unidos o protagonismo sobre os privilégios de enunciação.

O conjunto de pesquisadores e pesquisadoras que fazem parte do pensamento pós-colonial são oriundos de países que foram explorados no período imperialista do final do século XIX até às primeiras décadas do século seguinte, como Índia e países africanos, além de países periféricos que não foram contemplados durante o suposto desenvolvimento moderno como os países da Ásia e América Latina. Conforme aponta Hommi Bhabha (1998), os estudos pós-coloniais vêm à tona como forma crítica de grupos e povos que foram sentenciados ao esquecimento deliberado originado na Modernidade e a necessidade de pensar a atualidade enquanto “[...] momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (Bhabha, 1998, p. 20). Muito embora as referências epistemológicas desse movimento sejam consideradas como pós-colonialidade, Bhabha prefere chama-la de “além da colonialidade”. Para ele, esta expressão promove mais sentido ao contemplar a pluralidade e diversidade de possibilidades para além dos signos colonizantes em diálogos interdisciplinares com várias áreas de conhecimento e saberes, entretanto, ambos conceitos podem ser considerados como sinônimos.

Pensar a pós-colonialidade é também reconhecer o quanto os sujeitos e grupos que foram esquecidos e que apresentam relevância e estofo de vivências para a compor referências culturais. Ainda na chave de compreender como Homi Bhabha (1998) reconhece a cultura, é importante considerar como a ideia de entre-lugares se torna frutífera para perceber as imagens criadas por Nailah Elon são emancipadoras e políticas. O conceito desenvolvido por Bhabha acredita que a cultura não está enraizada a partir da ideia de que o lugar é algo fixo e permanente, tampouco se perpetua de modo estagnado ao longo do tempo. Para o autor, a cultura se realiza pelo contato, pelas bordas, que oferece o novo, sendo que este é compreendido como uma espécie de renovação do passado e a oferta de outras perspectivas para o futuro por estar em contato com outras experiências e vivências.

Não obstante, o modo como os países ocidentais criam a ideia de orientalidade também apresenta relevância neste artigo. O livro infantil não é desenvolvido de forma aleatória, como apresentado por Stuart Hall (2016). Os bens culturais apresentam sintonia com os valores culturais, simbólicos, estéticos e poéticos que estão em circulação e, assim, o modo como é representado os personagens e acontecimentos dialogam com o sentido empreendido de grupos e sujeitos que detém os processos de significação.

Por retratar personagens africanos e asiáticos, a concepção de orientalismo, desenvolvida por Edward Said (2008), reconhece relações hierarquizantes e de poder. O autor traça como os sentidos sobre os povos e sujeitos orientais foram alterados ao longo dos anos passando de grupos inteligentes e misteriosos à ideia de perigosos, exóticos e que necessitam de cautela para a convivência, referências que se encontram no livro ao constituir os personagens das narrativas que não são europeus e brancos. A ideia de orientalismo apresentada por Said não se limita apenas às referências geográficas e pode contemplar também sujeitos e grupos que orbitam de forma alheia às concepções eurocêntricas.

Se as estórias infantis foram produzidas a partir de narrativas discursivas, segundo Michel Foucault (2014), o discurso não se limita às questões da linguagem e também pode ser compreendido enquanto dispositivo de poder. Segundo Foucault, o poder não diz respeito apenas à força do Estado, mas traz à tona instituições como escolas, hospitais e presídios, por exemplo, que propagam discursos com o intuito de criar mecanismos de poder. A partir desse ponto de vista, o poder existe enquanto relações que são estabelecidas no meio social e que são normalizadas e normatizadas enquanto questões morais.

Essa possibilidade de fomentar estratégias de poder, Michel Foucault denomina como biopoder, pois atua como dispositivo ideológico e também como método para a formação de sujeitos úteis sobre os modos de produção e como tecnologia para a manutenção do poder. Ao contrário das estratégias disciplinares que atuam de modo visível e perceptível enquanto modos regimentais, os modos de controle se articulam de forma, muitas vezes, silenciosa a partir da naturalização e normatização dos discursos que circulam. A partir desta perspectiva, a produção da literatura infantil que hierarquiza e subestima a condição de crianças negras por estereótipos se torna uma estratégia de dominação e também de significação atribuída ao grupo.

Além disso, a concepção de discurso para o autor pode ser concebida como regime de verdade, ou seja, o sujeito que elabora o discurso e a forma como este circula, além de sinalizar para mecanismos de poder, também aponta para a ideia de verdade, uma vez que é produzida por sujeitos que gozam de poder para propor quais elementos são dignos de ser compreendidos como verdade. Os personagens do livro, mesmo sendo de um produto ficcional, são apresentados de forma que dialogam com a hierarquização de sujeitos ao desmerecer aqueles que são fora das linhas de representações eurocêntricas.

Em grande medida, a produção cultural é sintoma dos valores que estão em circulação e que, no caso em análise, estabelece diferenciação entre os modos de representação e

significação de grupos, a partir da leitura foucaultiana sobre poder. Destarte, a análise da obra a partir do pensamento pós-colonial oferece subsídio para compreender relações de poder e condições dessubjetivantes para grupos e sujeitos orientais e como as reações de poder também são estruturadas na produção de bens culturais.

A violência das pessoas boas no livro *The story of Little Black Sambo*

O livro *The story of Little Black Sambo*, escrito pela escocesa Helen Banneman, ainda no final do século XIX, cujas ilustrações foram produzidas John R. Neil, natural dos Estados Unidos, é destinado principalmente ao público infantil. A primeira estória do livro apresenta a estória de Sambo, um menino negro e denominado indiano que consegue enganar um bando de tigres sem quaisquer risco de agressão ao oferecer suas roupas aos animais para salvar a própria vida. Ao oferecer suas roupas, os tigres disputam qual seria o mais elegante e, ao redor de uma árvore, se transformam em manteiga derretida, *ghee*, posteriormente utilizada pela mãe do personagem para fazer panquecas. Embora a narrativa seja ambientada na Índia, os traços fenóticos dos personagens dizem respeito mais a pessoas africanas, ou melhor, afro-americanas: pele acentuadamente negra, lábios grossos e com cabelos crespos e, no caso específico, seriam dotados de esperteza que beira a malandragem. É importante pontuar que Helen Banneman teve residência em Índia por aproximadamente 30 anos, ou seja, acredita-se que ela teria ciência dos traços do povo indiano. Entretanto, não é sabido ao certo o porquê dos personagens retratados como negros, mesmo sendo ambientado na Índia.

As imagens construídas por Neil à obra vão ao encontro do posicionamento de Edward Said (2008) acerca de como os países e grupos ocidentais constituíram o Oriente. O fenômeno denominado como Orientalismo cria sentidos que nem sempre abrem para a pluralidade de significações e representações. A dialética estabelecida pelo autor é constituída por relações de poder e que, muitas vezes, provocam a objetificação e a criação de fantasias que explicam, mas não justificam, a hierarquização. “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (Said, 2008. p.33). Assim, o “Outro”, que não pertence ao universo eurocêntrico, branco e burguês, não apresenta representatividade ou relevância no espaço público. Ao atribuir características de grupos, sujeitos ou populações africanas a universos fora da significação eurocêntrica é nivelar as

referências em mesmo degrau de equivalência, desprezando as particularidades culturais e de socialidade.

Para Said, justamente por estarem fora das margens convencionais europeias, os povos orientais foram considerados exóticos, perigosos, misteriosos e que requerem cautela e precaução ao estabelecer convivência e contato. Essas referências começaram a ser produzidas ainda no período imperialista, final do século XIX e começo do XX, e foram elaboradas a partir do imaginário e das formas discursivas hegemônicas ocidentais, período em que o livro infantil foi produzido. Para Said, (...) “o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, uma certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente” (Said, 2008, p. 40).

A dominação expressa por Said, que se traduz também em processos hegemônicos, não consta apenas nas relações políticas, burocráticas ou administrativas. A compreensão sobre hegemonia, desenvolvida por Said, perpassa as relações de poder e acredita que essa influência aconteça também nas relações culturais que são estabelecidas, inclusive, nas convivências cotidianas. Com isso, as relações de poder se concentram em grupos cuja ideologia é dominante, há a existência de movimentos que prezam pela unificação através da ideologia e a vontade de conservação da unidade intelectual e ética para a permanência de determinados códigos morais. Por isso que o domínio e a exploração não se encontram apenas nas atividades econômicas e políticas, mas também nos modos de articulação de discursos e práticas culturais como, no caso, nas representações imagéticas da obra em tela.

Os desenhos do livro que ilustram sujeitos e grupos fora do escopo eurocêntrico apresentam, de largada, problemas consistentes enquanto formas de significação. Um deles é de uniformizar as representações daqueles que não são europeus. A narrativa se passa em Índia, mas as características dos personagens são de pessoas negras e africanas. A estória refrata a representação oriental apenas por signos que remetem à vida selvagem. A questão não é desconsiderar que a existência da fauna e flora existentes naqueles países, mas é a permanência da associação direta do continente à animalidade e à ausência de “civilidade e desenvolvimento”. A permanência desses valores mantém vivas as memórias e as lembranças de signos que reverberam no tecido social enquanto elementos de verdade.

A partir das considerações de Michel Foucault, a verdade não é concebida exclusivamente pela comprovação dos fatos a partir de evidências empíricas ou pela materialidade da ocorrência dos acontecimentos. Foucault estabelece uma relação íntima entre

discurso e poder ao conceber que o poder é constituído por relações que estão em disputa e o discurso se torna uma das tecnologias para o exercício deste poder. Desse modo, o discurso não é apenas uma condição linguística, mas também um dispositivo para constituir a “verdade”, enquanto sintoma de poder e, assim, ser produzida, circular e ser reproduzida por grupos e sujeitos que são afetados por essas relações de poder. De acordo com Foucault, a verdade é compreendida enquanto regimes de produção que elaboram quais discursos e práticas são considerados legítimos ou validados e apresentam sentido e fôlego para permanecerem em circulação. O regime de verdade depende da sociedade em que se encontra a circulação desses discursos e do momento em que reverberam.

Ao trazer essa ideia para as imagens e os discursos do livro, as representações de povos e sujeitos que orbitam fora da condição eurocêntrica se apresentam de modo dessubjetivado ou até mesmo anedótico, além de se aproximar de signos que provocam a desumanização pela pobreza e vulnerabilidade.

Figura 1 – Black Little Sambo



Fonte: Banneman, 1908.

Na imagem acima, Sambo é retratado como negro e de cabelos crespos, fenotipicamente negro, mesmo com a proposta da autora de apresentar personagens indianos. Não apenas ele, mas a sua mãe, Black Jumbo, também é retratada a partir de traços de mulheres negras, como uma mulher corpulenta e associada a empregadas domésticas daquela época, o que oferece margens para refletir sobre a representação dessas pessoas na época em que a obra foi produzida e a permanência desse sentido enquanto forma de atuação de poder.

Um outro ponto a ser debatido é quanto ao sentido desenvolvido aos personagens. Ainda na esteira de refratar os processos de significação, os personagens da narrativa são desenhados enquanto sujeitos exóticos, jocosos e de modo caricatural, o que provoca a desumanização e dessubjetivação deles. Tanto Edward Said (2008) quanto Stuart Hall (2016) trazem à tona que o movimento de limitar as representações a estereótipos se torna uma questão de violência. As estratégias de reduzir os elementos a significados impermeáveis a outros sentidos não promovem a expansão de representações e favorecem grupos que, de alguma forma, apresentam vantagens quanto à permanência desses sentidos. A refração de sentidos não expande modos de visibilidade pública, condiciona os sentidos e certifica os campos visíveis e invisíveis acerca das representações do mundo.

Figura 2 – Black Jumbo



Fonte: Banneman, 1908.

A representação de Black Jumbo se torna um exemplo dessa condição de limitação dos sentidos. De acordo com Bueno (2020), apoiada em Kimberly Crenshaw, as representações das mulheres negras em produtos culturais, quando elaboradas a partir de estereótipos, são construídas como sendo *mammy*¹, mulheres negras e gordas que desempenham atividades domésticas, obedientes às patroas brancas e burguesas, e desprovidas de qualquer desejo ou ânimo. Frequentemente são consideradas amáveis, zelosas e conselheiras da casa, principalmente quanto aos filhos dos patrões.

O posicionamento de Bueno a partir de Crenshaw apresenta o quanto os processos de representação também apresentam símbolos de violência. Ao refratar as imagens e ideias sobre mulheres negras na literatura e outras produções culturais, há o movimento de refração de sentidos e, assim, de permanência de significação. Além disso, pessoas negras não são representadas em signos de altivez ou fora dos esquadros de vulnerabilidade e pobreza.

The story of Little Black Sambo não é um caso isolado na produção literária e cultural daquela época em países europeus, principalmente acerca daqueles que não comungam dos signos eurocêntricos e burgueses. A título de ilustração, a obra inglesa *The water-babies*, de Charles Kingsley, escrita em 1863, também apresenta a estória de uma criança que exercia o ofício de limpador de chaminé e, após a sua morte, se torna uma “criança da água”. A obra questiona a insalubridade do trabalho, ainda mais exercido por uma criança, por outro lado, apresenta a moral cristã como redentora da existência humana e as questões de cuidado e higiene pessoal como forma de controle da vida.

Na Alemanha, Heinrich Hoffmann publicou em 1845 *Struwwelpeter* (Pedro desarrumado, em tradução livre), uma coletânea de contos infantis. Dentre os contos há *Der Struwwelpeter* (O Pedro desarrumado, em tradução livre), que relata um menino que é diferente dos demais meninos europeus porque não corta as unhas nem os cabelos, além de não apresentar os mesmos hábitos alimentares convencionais, como consumir sopa, e adocece. Na obra, a criança que dá nome ao livro dá a entender que não é europeia. As obras sintomatizam a forma como sujeitos, grupos e acontecimentos não contemplados pelos valores eurocêntricos seriam alvos de distinção e hierarquização. Ao longo do artigo, outro exemplo, como o discurso publicitário, também contribui para a formação de estereótipos e estigmas sobre grupos e sujeitos que não são europeus.

Na mesma obra consultada para este artigo, há também a estória *The Story of Topsy: from uncle Tom's cabin* (A estória de Topsy: do gabinete do tio Tom, em tradução livre), que conta parte da vida de Topsy, uma menina negra e africana que estava exposta em praça pública para venda aos interessados em adquiri-la. Ela foi comercializada ao sr. Augustine St. Clare e levada à casa dele. Como apresenta o livro, ele foi dominado por um espírito de compaixão ao comprar a menina para que fosse educada segundo a moral branca e burguesa.

Nas imagens, Topsy é retratada com vestido vermelho rasgado, com os cabelos com vários laços e descalça. A menina seria educada por Ophelia, prima de Augustine, e por Eva, a filha dele. No livro, Ophelia se surpreende com a presença da menina e Augustine ratifica a

presença de Topsy para ser educada pela prima. O comércio de vidas humana foi tratado no livro como algo corriqueiro e natural e a impossibilidade de manifestação de desejo da menina não foi levada em consideração. Essa condição de comercialização de vidas humanas, em especial de negras, como apresentada no livro, sintomatiza a realidade e apresenta, pelo olhar da cultura colonial, o modo como algumas vidas são representadas na literatura, até mesmo infantil. Topsy não tem histórico de vida e não é relatado, nem de forma breve, como ela chegou àquele local para ser comercializada. Além disso, houve a romantização de acreditar que a aquisição de Topsy traria benefícios a ela, uma vez que seria educada de acordo com os valores eurocêntricos, burgueses e cristãos.

No começo da narrativa, Topsy foi considerada como *pickaninny*. De acordo com Bernstein (2011), os *pickaninny* são denominados como sendo os jovens negros, que são representados como pacíficos e aceitam sem questionamentos toda a sorte de violências a que são submetidos. Assim, os *pickaninny* seriam adotados ou tutelados para que sejam educados de acordo com a moral da branquitude.

Figura 3 - Topsy



Fonte: Banneman, 1908.

Num primeiro momento, Topsy foi representada como uma menina exótica ou excêntrica dentro dos padrões ocidentais, não tinha conhecimentos sólidos da língua inglesa e falava de tal forma que faltava coerência e palavras. Em sua apresentação à Ophelia, ela encenou uma dança que costumava executar no seu país, que não é mencionado pela obra, que

consiste em colocar o corpo todo em movimento, incluindo o contato das mãos ao chão. Além disso, a menina não se familiarizava com alguns objetos da casa como, por exemplo, os travesseiros e as fronhas, ela utilizava essas peças como pijama. Ophelia percebeu que teria uma longa tarefa na educação de Topsy, porém, como descrito no livro, por ser cristã, se sentiu na obrigação de executar a missão destinada a ela.

Essa passagem pode ser reconhecida como a de domesticação de sujeitos exercida a tal ponto que seja construída a docilidade dos corpos e sujeitos. Pelo pensamento de Michel Foucault (2014), a necessidade de formatar corpos e subjetividades atende às perspectivas de relações de poder. A docilização se presta a fabricar corpos que sejam obedientes e, na mesma medida, úteis por que, assim, as estratégias de controle se tornam mais sutis e apresentem maiores reverberações e resultados. A reverberação dos discursos deste teor se tornam dispositivos para vigia e controle dos corpos para que sejam reduzidas as possibilidades de resistência.

A influência de dogmas cristãos a grupos e sujeitos alheios à doutrina religiosa se tornou um dispositivo de poder e método de uniformizar costume e subjetividades, que começou anteriormente ao Baixo Medievo do século XIV e atravessou os séculos sendo percebida, inclusive, na atualidade. A religiosidade não estava apenas atrelada ao exercício espiritual, mas alicerçada sobre valores morais que deveriam ser produzidos e reproduzidos a ponto de se tornarem parte dos códigos éticos de convivência e socialidade.

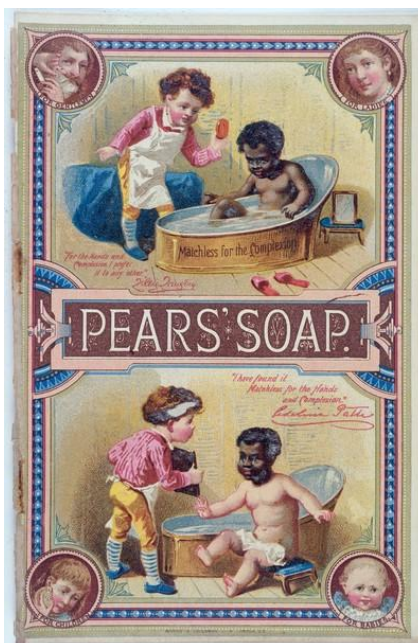
Pelas considerações de Foucault, há instituições como presídios, hospitais e sanatórios que desempenham a função para a garantia da disciplina a partir da função e arquitetura dos espaços. No caso da narrativa em tela, o espaço é a própria residência familiar burguesa e os discursos e práticas que mantêm a disciplina dos corpos e dos comportamentos. Assim, as estratégias disciplinares não apenas categorizam, acumulam e extraem o tempo dos corpos, mas também os mantêm em atividade para a permanência da produção de sujeitos que irão atender aos códigos de poder enquanto força produtiva e também para a manutenção dos valores simbólicos.

É interessante perceber que a personagem Topsy está em cima de uma caixa de sabonetes, um dos itens exportados pela Grã-Bretanha a suas colônias no período imperialista. E a publicidade dos bens de consumo se tornou um dos caminhos não apenas para o comércio desses produtos, mas também de propagação ideológica. Os bens de consumo da classe média vitoriana britânica, como aponta Stuart Hall (2016), se tornaram uma espécie de vitrine de

desenvolvimento e riqueza que não permaneceram em solo europeu, mas foram levados às colônias.

Por esse acontecimento, não entraram em cena apenas as questões comerciais e econômicas entre colônia e países colonizadores, mas a estruturação de discursos e práticas que ensinaram a produção de outros sentidos sobre temas como a racialização, gênero e cultura. Pelas palavras do autor, houve a “espetacularização” do outro, ou seja, o usufruto da condição do outro como forma de hierarquizar e dessubjetivar aqueles que não fazem parte das práticas de poder.

Figura 4 – Publicidade dos sabonetes Pearl



Fonte: <https://wellcomecollection.org/search/images?query=fmg9u8f8#>.

A publicidade naquele período, como aponta Hall (2016), seria um modo de como a sociedade se relacionaria com o mundo, além de ser uma das estratégias adotadas para propagar a suposta ideia de civilidade, higiene e desenvolvimento através dos bens de consumo para higiene pessoal. Ou seja, não apenas os produtos entrariam em cena enquanto forma de consumo, mas também a concepção de modernidade e altivez, como apresenta a peça apresentada anteriormente da marca de sabonetes Pearl que era produzida na Inglaterra e comercializada no Reino Unido e também nas colônias em África e Ásia.

Na esteira do pensamento do autor, o sabonete é uma condição de racialização e domesticação dos grupos e povos colonizados, além de dividir entre quais seriam as pessoas “limpas” e “sujas” e, em grande medida, quais seriam civilizadas ou selvagens pelo consumo do produto. A discussão pode ainda se alargar na intenção de domesticar os corpos e torná-los dóceis como forma de controle segundo os preceitos eugênicos oitocentistas ou ainda de manter os colonizadores “limpos” no contato com os povos colonizados. A imagem de Topsy em cima do carregamento de sabonetes é sintomática frente às questões hierarquizantes construídas acerca daqueles que não são contemplados na moral branca, burguesa, eurocêntrica e também cristã com mais uma camada de distinção: as relações de consumo.

A moral cristã se encontra nos questionamentos feitos por Ophelia à Topsy sobre o conhecimento da menina quanto à moral e aos conhecimentos cristãos. Na passagem derradeira na estória, Eva estava em leito de morte e veio a óbito antes de oferecer uma pequena bíblia à Topsy. A narrativa se encerra na despedida de ambas e afirmando que Topsy se tornou professora e voltou ao seu continente de origem, a África, para dividir os conhecimentos repassados a ela.

Assim como na estória de Sambo, Topsy também é fruto de discursos que constituem sujeitos de modo naturalizante e normalizante quanto aos comportamentos e a necessidade de intervenção. Ao trazer a menina à cultura ocidental, houve o empenho de discursos e práticas para “civilizá-la” de acordo com a moral burguesa. A docilização dos corpos e a transformação de Topsy pode ser considerada como demonstração de biopoder, pela perspectiva de Michel Foucault. Para o autor, o biopoder é concebido enquanto estratégia de disciplina e também de controle como forma de vigilância e domesticação de grupos e sujeitos que orbitam fora das práticas de poder. Pela perspectiva de Homi Bhabha (1998, p. 111), o discurso do colonizador é um modo “(...) de justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”.

As práticas de biopoder para Foucault não apenas apresenta o exercício de poder de um sujeito ou grupo sobre outro, mas como que forças permeiam os aspectos da vida social na possibilidade de promover mudanças em comportamentos, códigos morais e até mesmo de identidades. A estória de Topsy evidencia, mesmo de que forma ficcional, a atuação do biopoder nas relações sociais e também se torna um sintoma de como a produção cultural através de narrativas infantis também são empenhadas na promoção de influência de biopoder acerca de grupos e sujeitos alheios à moral eurocêntrica e burguesa.

A partir da leitura que Bhabha (1998) faz de Frantz Fanon, é possível identificar que a formação de estereótipo está associada ao fetichismo desenvolvido a partir da Psicanálise freudiana. Fanon (2020) explica a colonialidade, pela perspectiva psicanalítica, ao reconhecer que o desejo do colonizado acontece a partir da fantasia de ameaça do Outro, assim, a fetichização ocorre da necessidade de criar a fantasia de ter o usufruto das condições alheias. Diante da impossibilidade de simbolizar o desejo e a criação de estratégias que não sejam castradoras, o sujeito desenvolve fetiches para não lidar com a dor e, assim, manter-se em gozo. Ao mesmo tempo em que o sujeito reconhece a existência da diferença, ele a recusa como forma de manter a manutenção do gozo e do domínio. Assim, os estereótipos e os fetiches são representações que sinalizam de modo acentuado problemas de representações que não se limitam apenas à vida psíquica do sujeito, mas se estendem também nas relações sociais. Segundo o autor, “[...] o estereótipo impede a circulação e a articulação do significante de ‘raça’ a não ser em sua fixidez enquanto racismo” (Bhabha, 1998, p. 117).

Para o autor, o discurso colonizador não pretende avançar para outros modos de significação. A fixidez e a necessidade de permanência de valores se tornam estratégias de dominação e, em alguma medida, os produtos culturais apresentam sintomas dessa qualidade. O discurso colonizador também é compreendido como narcísico e agressivo, uma vez que é articulado como forma de articular a defesa da fantasia criada acerca da periculosidade de sujeitos fora da ordem eurocêntrica. Ao promover a impermeabilidade de representações, o discurso colonizador se mantém “no lugar”, segundo Bhabha, ou seja, não apresenta diálogos, intersecções ou pontes com outros sentidos e se situa na essencialidade e cristalização dos referenciais. Nesse caso, a obra escrita por Banneman apresenta personagens que estão devidamente encaixados no discurso colonizador refratário a possibilidades de nuances ao representar em discursos e imagens grupos que são alheios à ordem eurocêntrica. A estabilidade dessa prática prolonga o sentido dos estereótipos.

Por outros caminhos

Se por um lado, há forças que mostram relações que se estruturam para a permanência de poder, a partir de Michel Foucault também é possível identificar que essas relações não são permanentes e o poder pode circular. A resistência às estratégias de poder não se encontra

apenas na contestação, mas nas formas de reinterpretar as práticas cotidianas em nome da liberdade e do reconhecimento público e político.

A decolonialidade surge como expressão de oferecer abertura para contemplar sentidos, representações e discursos que foram silenciados por forças interessadas na manutenção dos valores e poder. Por esse caminho, há a necessidade de reorganizar a história e os modos de produção de conhecimento e de significação que não sejam a partir das referências eurocêntricas ou estigmatizadas. Assim como as reflexões pós-coloniais não existiam na produção do o livro em questão, o pensamento decolonial também estariam por vir. Por outro lado, existem possibilidades de ressignificar as representações imagéticas alheias à dessubjetivação.

Por esse lado, as ilustrações de Nailah Elon podem ser consideradas como pós-coloniais e um modo de oferecer outras propostas de sentidos. Como apontou Castro-Gómez (2014), a Modernidade estabeleceu uma linha divisória fantasiosa para dividir entre o que seria digno de pertencimento ou aquilo que poderia ser excluído. A vontade de estabelecer divisões firmes e concretas se torna uma condição de violência por anular nuances de representações e sentidos, além de dificultar a visibilidade pública.

Nailah é estadunidense e se propôs a reinterpretar as imagens contidas no livro *The story of Little Back Sambo* de tal forma que as novas imagens não se aproximassem de signos estereotipados ou veiculadas à referência de vulnerabilidade. A proposta de não desenhar traços de pobreza e vulnerabilidade não é negligenciar a situação ou de forjar uma realidade que nunca existiu, mas é de oferecer outras perspectivas de representação e sentidos que não estivessem pareadas a questões de desqualificação que reforçassem estereótipos ou fetiches.

Figura 5 – Topsy pós-colonial



Fonte: Banneman (1908) e imagem do perfil no Instagram de Nailah Elon (Instagram/@nailahcreates/reprodução).

A proposta de redesenhar a personagem Topsy pode ser reconhecida como meio de trabalhar a visibilidade aos grupos e sujeitos subestimados e subrepresentados nos discursos das narrativas. Como aponta Frantz Fanon (2020), a necessidade de repensar a negritude não perpassa apenas a rebelião momentânea, mas o desejo de reinventar sujeitos a partir de novas identidades para a superação da objetificação e da formação de estereótipos sobre sujeitos e grupos negros.

A possibilidade de inventar novas formas de representação é condição para ofertar visibilidade e reconhecimento público e político. Amparada em Hannah Arendt e oferecendo continuidades às suas considerações, Judith Butler (2019) pontua que a visibilidade não se limita apenas às questões da linguagem proferidas pelo discurso no espaço público, como aponta Arendt, mas também pela possibilidade dos corpos performarem subjetividades e promoverem ação política.

Não se trata de um jogo banal de palavras falar sobre corpos que importam/corpos materiais [bodies that matter] nesses contextos clássicos, pois ser material significa materializar, se compreendemos que o princípio dessa materialização é precisamente o que “importa” [matters] sobre aquele corpo, sua própria inteligibilidade. Nesse sentido, saber o significado de alguma coisa é saber como e por que ela importa, sendo que “importar” significa ao mesmo tempo “materializar” e “significar” (Butler, 2019, p. 64).

Em alguma medida, a reinvenção das imagens feitas por Nailah Elon possibilita, ao menos, o enfraquecimento dos estereótipos, ainda mais ao utilizar as faculdades da comunicação digital pelo uso do perfil em rede social. A materialidade dos corpos negros, enquanto reconhecimento público, promove a visibilidade a ser valorada como ação política de representações que foram deliberadamente subestimadas.

Além disso, as imagens de Nailah também podem ser observadas a partir da ideia desenvolvida por Homi Bhabha (1998) de entre-lugar sobre a cultura. Conforme apresentado anteriormente, a cultura colonizadora se propõe a ser fixada, estereotipada e fetichista para manter as estruturas hierarquizantes e a circulação de poder para a promoção da violência. A possibilidade de oferecer outras representações é sintoma de outros diálogos que recriam outros sentidos. Propor outras imagens sobre os corpos negros contidos na obra infantil é uma forma de sinalizar que há caminhos que não estão marmorizados e que não apresentam fixidez ou cristalizações.

Considerações finais

Em ambas estórias do livro infantil *The story of Little Black Sambo* são apresentados traços marcantes de violência simbólica e a naturalização dessa violência e, por isso, o pensamento pós-colonial para repensar as representações e os sentidos, mesmo reconhecendo que os conceitos empreendidos no artigo não foram sistematizados na época da produção do livro. Por outro lado, a despeito dessa condição, o livro não é isento de neutralidade, principalmente quanto em apresentar traços de dessubjetivação ao criar estereótipos e desenvolver elementos universais para a moral humana, como a prática cristã.

A primeira narrativa apresenta os personagens negros apenas a partir da vulnerabilidade pela pobreza e da esperteza, que beiram à malandragem. Mesmo deixando claro que o personagem é indiano, o modo como Sambo é retratado se aproxima mais de traços de sujeitos africanos. A proposta de não distinguir a etnia ou a natureza dos sujeitos pode ser lida como unificação de representações de grupos que não compartilham signos e a cultura eurocêntrica, assim, elementos que orbitam fora deste circuito apresentam a mesma condição.

No caso da estória *The Story of Topsy: from uncle Tom's cabin*, a situação é ainda mais acentuada. Topsy foi encontrada por Augustine St. Clare e comprada por ele para ser “civilizada”, o que incluía moldá-la a “bons hábitos” e conhecimentos cristãos e burgueses. A violência neste caso se enquadra nas estratégias de docilização dos corpos para disciplina e controle, além de compreender que a condição branca e burguesa seria a medida para reger a moral universal. Assim, o livro pode ser compreendido como sintoma do tempo em que as particularidades alheias às estruturas de poder podem ser silenciadas, moldadas ou até mesmo desqualificadas. Além de ser mais uma tecnologia para difundir a ideologia eurocêntrica para a desqualificação de grupos e sujeitos que não são contemplados dentro dessa perspectiva.

A leitura pós-colonial não apenas oferece outros olhares como também se posiciona como possibilidade política para reconhecimento público e perspectiva analítica para reconhecer como grupos, sujeitos ou acontecimentos podem ser reconhecidos como demonstrações de violência. A despeito disso, há outras ações como os desenhos de Nailah Elon que oferecem outras representações para grupos e sujeitos que foram dessubjetivados e desmerecidos nas páginas da história.

Referências

- BANNEMAN, Helen. **The story of Little Black Sambo**. Chigago: The Reilly & Lee Co, 1908. Disponível em: <https://ia800108.us.archive.org/4/items/storyoflittlebla1903bann/storyoflittlebla1903bann.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2026.
- BERNSTEIN, Robin. **Racial innocence: performing american childhood from slavery to civil rights**. New York: New York University Press, 2011.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições/Crocodilo, 2019.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El lado oscuro de la “época clásica”: filosofía, ilustración y colonialidad en el siglo XVIII. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. **El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial**. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 89-113.
- FANON, Frantz. **Condenados da terra**. Trad.: Lígia Fonseca Ferreira/ Regina Salgado Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscara branca**. Trad.: Sebastião Nascimento; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad.: Daniel Miranda, Willian Oliveira. Rio de Janeiro: PUC Rio, Apicuri, 2016.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Palo: Companhia das Letras, 2008.

Notas

ⁱ Além dessas representações, Bueno (2020) ainda sugere que as mulheres negras são compreendidas como *mulas* (mulheres associadas aos trabalhos braçais e análogos à escravidão), *black lady* (mulheres solteiras ou desprovidas de vínculos familiares que estão dispostas a ter ascensão social, independentemente das possibilidades de materializarem esse desejo) e *jezebel* (mulheres hiperssexualizadas e representadas de tal forma que precisam ser contidas em seus comportamentos).